

O nosso rochedo de Sísifo

JOTA ALCIDES

Entre os dramas e tormentos verdadeiramente arrasadores para qualquer país, dificilmente algo pode ser mais terrível para um governo e para um povo do que uma inflação permanente e persistente. Ela destrói forças e subverte valores da nação, germina corrupção, arruína instituições e agita, surpreendentemente, os nervos de seus dirigentes. O Brasil é um país assim, que tem sofrido, enormemente, a voragem inflacionária.

Precisamente agora, registra-se, quando o ousado Plano Collor, lançado para restauração da economia brasileira, completa oito meses e o País tenta um acordo ou pacto social, paradoxalmente, o desentendimento nacional acumula lances de desafios e desafios, envolvendo Governo e setores do empresariado e causando perplexidade. Evidentemente, com a humildade inspirada em Maquiavel não se vai chegar a coisíssima nenhuma.

Preocupante é que esse tiroteio verbal acontece num momento propício mais para incendiários do que para bombeiros; desde que qualquer exacerbação inflacionária produz, imediatamente, uma exacerbação social e política. E mexe sobretudo com os trabalhadores, mesmo já tão acostumados com esse elemento perturbador da vida brasileira.

Cultura inflacionária, inércia de inflação, espiral inflacionária ou inflação de expectativas, seja como for na linguagem dos economistas e tecnocratas, o que acontece com o paciente e resignado povo brasileiro é alguma coisa próxima da crueldade. Parece mais uma condenação tal e qual à que foi submetido o mitológico Sísifo, da história grega, obrigado a rolar nos infernos, um rochedo até o cimo de uma montanha e, após alcançar o alto, vê-lo cair lá embaixo, exigindo outra vez esforço extenuante, sem

perspectiva de vitória segura.

Embora tenha fama de memória curta, o povo brasileiro, na verdade, ainda tem muito vivas as decepções e frustrações que representaram o fracasso do Plano Cruzado, do Plano Bresser e do Plano Verão. E fica, naturalmente, tenso diante de uma visível recuperação do inimigo maior da Nação, voltando a mostrar suas garras. Os juro dispararam, os preços explodem e a ciranda financeira está retornando. Uma vez mais o povo está quase feito Sísifo, querendo impedir a descida do rochedo ladeira abaixo.

É realmente intrigante que sejam identificadas e conhecidas as causas da inflação e as estratégias para combatê-la e, ainda assim, ela se mantenha resistente, com uma rocha irremovível. Tão persistente que muitos brasileiros nem sonham mais com o fim da inflação, satisfazendo-se já com apenas sua possível estabilização.

Talvez o problema da inflação brasileira não seja um problema econômico, como tem sido tratado, e, sim, um problema cultural. Quem sabe, vinculado ao individualismo marcante no perfil de formação e de comportamento dos brasileiros. Isto aceito, melhor seria que os economistas fossem dispensados dessa missão e para ela se convocassem, urgentemente, intelectuais, pensadores de profunda sensibilidade social. De preferência afinados com a escola do reformista Sólon, sábio que restabeleceu a harmonia em tumultuada fase da Grécia antiga.

Há que se vencer a desconfiança quanto à utilidade dos sofrimentos já impostos a todos os brasileiros. Com pacto ou sem pacto, é tempo ainda de se evitar que o povo seja novamente dominado pelo pessimismo, pela desesperança e pelo desespero. É extremamente árdua a luta, mas tudo deve ser posto e disposto para segurar o rochedo lá em cima, sem perigo de despencar, porque, como um dia ensinou Albert Camus, é preciso imaginar, tentar e fazer Sísifo feliz.

15 NOV 1990

CORREIO BRAZILIENSE